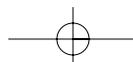
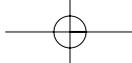


## Índice

Prólogo	11
I. A CONDIÇÃO HUMANA	
1. A <i>Vita Activa</i> e a Condição Humana	19
2. A Expressão <i>Vita Activa</i>	24
3. Eternidade <i>versus</i> Imortalidade	29
II. AS ESFERAS ( <i>REALM</i> ) PÚBLICA E PRIVADA	
4. O Homem: Animal Social ou Político	38
5. A <i>Polis</i> e a Família	43
6. A Ascensão do Social	51
7. A Esfera Pública: o Comum	64
8. A Esfera Privada: a Propriedade	73
9. O Social e o Privado	81
10. A Localização das Actividades Humanas	86





### III. LABOR

11. «O Labor do Nosso Corpo e o Trabalho das Nossas Mãos»	107
12. O Carácter de «Objecto» do Mundo	117
13. Labor e Vida	121
14. Labor e Fertilidade	126
15. A Privacidade da Propriedade e da Riqueza	134
16. Os Instrumentos do Trabalho e a Divisão do Labor	142
17. Uma Sociedade de Consumidores	151

### IV. TRABALHO

18. A Durabilidade do Mundo	175
19. Reificação	178
20. Os Instrumentos e o <i>Animal Laborans</i>	183
21. Os Instrumentos e o <i>Homo Faber</i>	192
22. O Mercado de Trocas	199
23. A Permanência do Mundo e a Obra de Arte	207

### V. ACÇÃO

24. A Revelação do Agente no Discurso e na Acção	224
25. A Teia de Relações e as Histórias Humanas	230
26. A Fragilidade dos Negócios Humanos	237
27. A Solução Grega	242
28. O Espaço da Aparência e o Poder	249
29. O <i>Homo Faber</i> e o Espaço da Aparência	259
30. O Movimento Operário	264
31. A Tradicional Substituição da Acção ( <i>Acting</i> ) pela Fabricação ( <i>Making</i> )	271
32. A Acção Como Processo	281

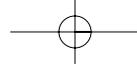


33. A Irreversibilidade e o Poder de Perdoar	288
34. A Imprevisibilidade e o Poder da Promessa	295

## VI. A *VITA ACTIVA* E A ERA MODERNA

35. A Alienação do Mundo	311
36. A Descoberta do Ponto de Vista Arquimediano	321
37. Ciência Universal vs. Ciência Natural	333
38. O Advento da Dúvida Cartesiana	338
39. A Introspecção e a Perda do Senso Comum	345
40. A Actividade de Pensar e a Concepção Moderna do Mundo	350
41. A Inversão de Posições entre a Contemplação e a Acção	354
42. A Inversão na <i>Vita Activa</i> e a Vitória do <i>Homo Faber</i>	361
43. A Derrota do <i>Homo Faber</i> e o Princípio da Felicidade	373
44. A Vida Como Bem Supremo	382
45. A Vitória do <i>Animal Laborans</i>	389

Agradecimentos	407
----------------	-----



## CAPÍTULO I

## A CONDIÇÃO HUMANA

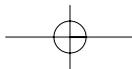
## 1

A *VITA ACTIVA* E A CONDIÇÃO HUMANA

Com a expressão *vita activa*, pretendo designar três actividades humanas fundamentais: labor, trabalho e acção. Trata-se de actividades fundamentais porque a cada uma delas corresponde uma das condições básicas mediante as quais a vida foi dada ao homem na Terra.

O labor é a actividade que corresponde ao processo biológico do corpo humano, cujos crescimento espontâneo, metabolismo e eventual declínio têm a ver com as necessidades vitais produzidas e introduzidas pelo labor no processo da vida. A condição humana do labor é a própria vida.

O trabalho é a actividade correspondente ao artificialismo da existência humana, existência esta não necessariamente contida no eterno ciclo vital da espécie, e cuja mortalidade não é compensada por este último. O trabalho produz um mundo «artificial» de coisas, nitidamente diferente de qualquer ambiente natural. Dentro das suas fronteiras habita cada



uma das vidas individuais, embora esse mundo se destine a sobreviver e a transcender todas as vidas individuais. A condição humana do trabalho é a mundanidade.

A acção, a única actividade que se exerce directamente entre os homens sem a mediação das coisas ou da matéria, corresponde à condição humana da pluralidade, ao facto de que homens, e não o Homem, vivem na Terra e habitam o mundo. Todos os aspectos da condição humana têm alguma relação com a política; mas esta pluralidade é especificamente a condição — não apenas a *conditio sine qua non*, mas a *conditio per quam* — de toda a vida política. Assim, o idioma dos romanos — talvez o povo mais político que conhecemos — empregava como sinónimas as expressões «viver» e «estar entre os homens» (*inter homines esse*), ou «morrer» e «deixar de estar entre os homens» (*inter homines esse desinere*). Mas, na sua forma mais elementar, a condição humana da acção está implícita até mesmo no Génesis («macho e fêmea Ele criou-os), se entendermos que esta versão da criação do homem diverge, em princípio, da outra segundo a qual Deus originalmente criou o Homem (*adam*), e não *eles*, de modo que a pluralidade dos seres humanos vem a ser o resultado da multiplicação<sup>1</sup>. A acção seria um luxo desnecessário, uma caprichosa interferência com as leis gerais do comportamento, se os homens não passassem de repetições interminavelmente reproduzíveis do mesmo modelo, todas dotadas da mesma natureza e essência, tão previsíveis como a natureza e a essência de qualquer outra coisa. A pluralidade é a condição da acção humana pelo facto de sermos todos os mesmos, isto é, humanos, sem que ninguém seja exactamente igual a qualquer pessoa que tenha existido, exista ou venha a existir.

As três actividades e as suas respectivas condições estão intimamente relacionadas com as condições mais gerais da existência humana: o nascimento e a morte, a natalidade e a

mortalidade. O labor assegura não apenas a sobrevivência do indivíduo, mas a vida da espécie. O trabalho e o seu produto, o artefacto humano, emprestam certa permanência e durabilidade à futilidade da vida mortal e ao carácter efémero do tempo humano. A acção, na medida em que se empenha em fundar e preservar corpos políticos, cria a condição para a lembrança, ou seja, para a história. O labor e o trabalho, bem como a acção, têm também raízes na natalidade, na medida em que a sua tarefa é produzir e preservar o mundo para o constante influxo de recém-chegados que vêm a este mundo na qualidade de estranhos, além de os prever e ter em conta. Não obstante, das três actividades, a acção é a mais intimamente relacionada com a condição humana da natalidade; o novo começo inerente a cada nascimento pode fazer-se sentir no mundo somente porque o recém-chegado possui a capacidade de iniciar algo novo, isto é, de agir. Neste sentido de iniciativa, todas as actividades humanas possuem um elemento de acção e, portanto, de natalidade. Além disto, como a acção é a actividade política por excelência, a natalidade, e não a mortalidade, pode constituir a categoria central do pensamento político, em contraposição ao pensamento metafísico.

A condição humana compreende algo mais que as condições nas quais a vida foi dada ao homem. Os homens são seres condicionados: tudo aquilo com o qual entram em contacto torna-se imediatamente uma condição da sua existência. O mundo no qual transcorre a *vita activa* consiste em coisas produzidas pelas actividades humanas; mas, constantemente, as coisas que devem a sua existência exclusivamente aos homens também condicionam os seus autores humanos. Além das condições nas quais a vida é dada ao homem na Terra e, até certo ponto, a partir delas, os homens criam constantemente as suas próprias condições que, a despeito da sua variabilidade e sua origem humana, possuem a mesma força condicionante das coisas naturais. O que quer que toque a vi-